

Lisboa, 24 de Dezembro de 1974

Exma. Direcção da
SEARA NOVA
R. Bernardino Lima, 23 - 1º
L i s b o a

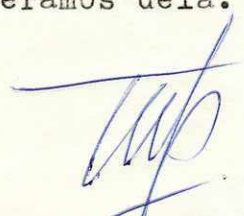
Meus Caros Amigos,

Pensando bem, receio que a minha atitude de condi
cionar a aceitação do cargo de Director da Seara Nova à for
mação do corpo redactorial dessa Revista, crie dificuldades
à publicação da mesma, uma vez que o antigo Director, Prof.
Dr. Rodrigues Lapa só consente o uso do seu nome, como di-
rector até ao final deste ano.

Como não quero criar dificuldades e porque a minha
atitude não é, de modo algum, uma "birra" dilatoria, venho
sugerir a vocês - e julgo que é possível fazê-lo e é razoá-
vel - que a responsabilidade da Directoria da Revista seja
tomada pela própria Administração dessa empresa, assessorada
da, evidentemente, pelo nosso amigo Vasco Martins, subdirec
tor da mesma.

Esta situação permitirá que, entretanto, o caso
da redacção seja resolvido e a aceitação do convite a mim
formulado, por Vocês, para ser director da Seara Nova venha,
eventualmente, a concretizar-se.

Aproveito a oportunidade para apresentar-vos os
meus melhores cumprimentos e desejos de um Ano Novo que rea
lize as metas da consolidação da Revolução de 25 de Abril e
as esperanças que todos nós esperamos dela.



Foi dada empleta
satisfação do signatário,
em 8/11/76, pelo C. @ do
P.C.P. através C.A.I. E por
meio?

ESCLARECIMENTO QUE PEDE ESCLARECIMENTO

O signatário insiste num esclarecimento cabal e definitivo sobre o assunto que a seguir se apresenta.

1. Em determinado instante do processo revolucionário, uma empresa editora que publica mensalmente uma revista, cheia de gloriosa tradição democrática e participação activa na luta antifascista, com características únicas no contexto bibliográfico português, debatia-se internamente com graves problemas de confrontação política, em termos de domínio partidário. Como resultado desses confrontos a actividade da editora e da revista foi, dentro dessa orientação de unidade democrática, em Dezembro de 1974, subitamente interrompida, em favor de um sector partidário.

2. O signatário convidado em Novembro do mesmo ano para encarregar-se da direcção da revista tentava, nessa altura, para assegurar o convívio entre a Esquerda, constituir uma redacção que pudesse reflectir tal com posição política. Mas essa acção unilateral impediu aquêle de o fazer, pois foi afastado dessa missão, não sem desde logo discordar do procedimento tomado, pela tradição política que a editora tinha, voltada sistematicamente para a Esquerda, doutrinando e servindo a Oposição contra o salazarismo, e sofrendo, por isso, todo o género de persiguições e sacrifícios, durante mais de 55 anos consecutivos. Também se julgou, por outro lado, que a situação política de então não exigia necessariamente decisão tão extrema que, para além de tudo o mais, implicava sérios riscos de divisão de Esquerda.

3. Foram duas as razões então invocadas pelo Partido para o afastamento do signatário dessa missão: a) a nível pessoal, porque não dava segurança política; a sua prisão em Caxias, durante dois anos, a pena mais pesada do julgamento de "Processo dos Economistas" mereceu reparos e b) a nível político, porque as condições políticas (Dezbró. 1974), apresentavam-se favoráveis à tomada da editora, em termos partidários, dispensando-se, por isso, a intervenção do signatário, o qual sobre o assunto possuía um ponto de vista diferente como vimos.

11

4. Apesar de tais reparos provocarem forte reacção do signatário, por injustos e injuriosos, tocando em certos aspectos a irresponsabilidade de quem os fazia, e porque ao nível político, acumulavam preocupações, quanto às suas consequências negativas na unidade da Esquerda; apesar de toda a ligeireza como a operação foi conduzida, respondeu ainda o signatário, aos pedidos que, apesar de tudo ... lhe foram apresentados para facilitar e ajudar a transferência de poderes para a equipa do Partido.

5. Mas, entretanto, os tempos mudaram, a correlação das forças políticas alterou-se profundamente, a situação administrativa e financeira da editora e as relações de trabalho, internamente, agravaram-se. A dinâmica política portuguesa guinou para a direita e de novo se voltou e veio para a rua a sinistra propaganda anticomunista dos velhos tempos de Salazar. Cairam então sobre a administração da editora os mais variados comentários e críticas, no mesmo sentido das que já tinham sido feitas pelo signatário ano e meio antes, quando fora afastado da missão. O ponto de vista de unidade democrática e antifascista e a sua prática no dia a dia, defendido pelo signatário ganhou, entretanto, actualidade e força, pois respondia a ^{uma nova conjuntura} nova conjuntura política nacional e à exigência de entendimento entre a Esquerda válida.

6. É oportuno observar de que foi a firme posição tomada pelo signatário antes e durante as negociações para a formação da redacção que contrariou decisivamente a vontade e os propósitos de domínio que partiam do sector socialista. Esta posição valeu-lhe mais tarde enrovalhos e maus tratos dos representantes do partido socialista, quando no 6º Governo Provisório. Mais, o signatário viu-se sózinho nesta operação ainda que tivesse para o efeito pedido auxílio, porque se sentia algo desactualizado quanto ao conhecimento de algumas personalidades envolvidos no processo, dada a sua longa ausência no estrangeiro.

7. Dentro das novas condições políticas, seria óbvio, pois, que se procedesse à imediata rectificação daquela situação, tomando-se as medidas conducentes a um certo restabelecimento do sistema anterior, por forma que a referida editora se constituísse, de facto, em órgão responsável e vivo ao serviço desse projecto político, em ordem a encontrar pontos de convergência e soluções conjugadas de acção da Esquerda - soldar a Esquerda -, inseridas numa estratégia global.

8. Por outro lado, a necessidade de retornar a linha anterior, embora ajustada às novas circunstâncias políticas da sociedade portuguesa, obrigaria, no caso em questão, altamente traumatizado, substituir alguns nomes, reconhecidamente ligados e promotores da situação da editora, definida por uma conduta partidária e, por isso, contra-indicada à política de unidade da Esquerda. Com efeito, aquele ou aqueles que defenderam um certo ponto de vista partidário estão à partida incapacitados de defender o ponto de vista contrário - a unidade da Esquerda - que nesta fase do processo se torna imperativo reconstruir e promover. De outro modo, pela notória incoerência que envolve o procedimento, prestar-se-ia um mau serviço à causa dessa unidade, ao Partido e até a esses próprios nomes.

9. O signatário sentiu que, em certa altura, se pretendia dar-lhe uma satisfação, através de convites para encontros e reuniões que abortaram quasi sempre, e se associar ao esforço de restaurar e relançar a

revista em crise. O signatário correspondeu ainda a essas solicitações para contribuir para a solução do problema e, eventualmente, proporcionar condições para fazer sair a tal explicação. Neste quadro e para este efeito, realizaram-se algumas reuniões para tratar das dificuldades administrativas e de direcção. De súbito, como em Dezembro de 1974, sem prévias explicações, surge a decisão incoerente e irrealista de rodicar na revista aquela equipa directiva, de cariz partidário, a mesma que vinha tomando conta da editora e revista, desde aquela data, mas para servir condições completamente diferentes das actuais *e já referidas atrás.*

10. Importa salientar, aqui, de que o erro é maior e mais grave neste caso. Enquanto em 1974, a solução tomada, ainda que demasiada radical e precipitada, procurava defender posições dentro de tendências políticas aparentemente favoráveis a uma solução *alternativa e mais acelerada* para o socialismo, em Junho de 1976, não se trata de um erro de previsão, trata-se sim de uma operação fora da realidade, de "aprendiz de feiticeiro", sobre matéria de muita responsabilidade, que ópticas muito confinadas à empresa editorial não podem justificar, e que na área em referência poderá degradar ainda mais o sector e, principalmente, o convívio que se pretende estabelecer.

11. Uma política de verdade e de coerência conduz invariavelmente, mais tarde ou mais cedo, a resultados seguros e consequentes, independentemente, da segurança e do respeito que a mesma inspira e comunica aos seus agentes e simpatizantes, ao Povo. Sendo assim, como poderia no campo político, hoje altamente confrontado e dividido, uma mesma equipa servir duas ideias diferentes, que se opõem? Como poderia essa equipa que ao tomar a direcção da revista compulsivamente, negando portanto certos arranjos de convívio interpartidário, para a unidade democrática, ser reconduzida agora, basicamente, para restabelecer essa mesma unidade, que há pouco menos de dois anos destruiu *o objecto* da revista ?!

12. O signatário, chama a atenção para os riscos que aquela situação pode gerar, particularmente, contra a política que se encontra em marcha: de fazer unir e não desunir a Esquerda válida. É evidente que tal facto não vai matar ninguém, mas pode, directa e indirectamente, afectar a imagem do Partido e corroer a vontade de conciliação dessa Esquerda, em defesa da Democracia. No campo pessoal, essa situação frustra, lança a dúvida e mina a vontade de colaborar e a segurança daqueles que sempre *leal e desdramatizadamente se entregaram à causa, desde há mais de 40 anos.*

Em resumo, o que se passou em relação a todo este processo que desgastou e afectou valores e pessoas, foi uma sequência de actos pouco reflectidos e de fraca qualidade que bem podiam ter sido evitados, se fosse o "feiticeiro" e não o "aprendiz" encarregado de os fazer.

Miguel
1/7/76

"Miguel", era o meu antigo
pseudónimo no P.C. - (1946/1958).

[Handwritten signature]